

SUPLENTO  
HUMORISTICO DE

O SEculo

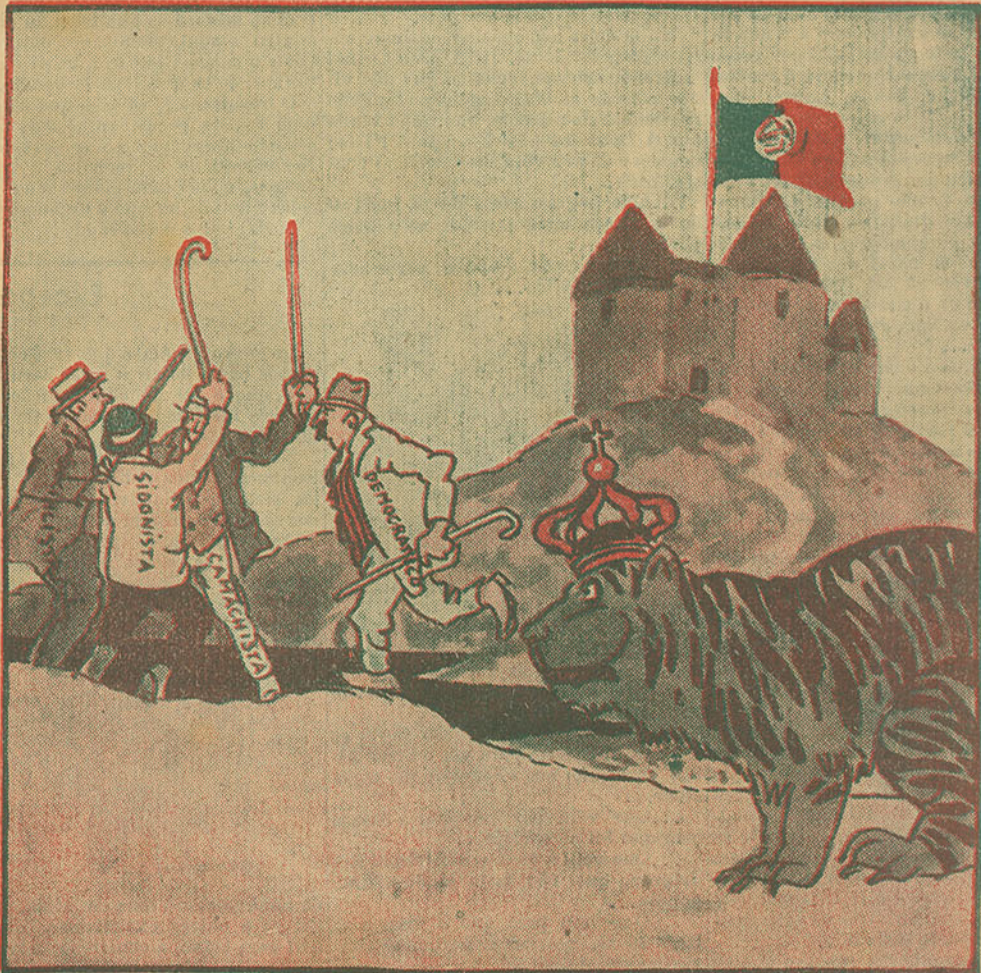
Propriedade de J. DASILVA GRACA, Lda

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

# A' espreita...



«Revolução, não; legalidade, sim.»

(Des jornais. Entrevista com Aires Ornelas)





## PALESTRA AMENA

## Os nossos vinhos

## Aumento de preços

Sim, senhores: estamos, por mais que digam, ou que não digam, em vespéras de se aumentarem mais uma vez os preços das carreiras dos carros electricos. Para o observador atento, era facil prever que se aproximava a catastrophe: carros espaçados, por consequencia cheios á cunha, reclamações nos jornais, descontentamento do pessoal—toda a artilharia a postos, para o ataque definitivo, isto é, a preparação sufficiente para o publico principiar a sentir a falta de transportes e largar em clamores:

—Final, se é preciso pagar mais, para ter carros mais frequentes e lugares vagos nos carros, consinta-se no aumento de preços, que diabol! Antes isso, do que ver-se uma pessoa obrigada a andar a pé!

E como já hoje se conta com 75 por cento do que se ganha, para a renda da casa, conte-se com mais 20 por cento para o transporte e fiquem os 5 restantes para comer, vestir, calçar, etc., etc.

E será indispensavel o aumento para que a Companhia não se veja obrigada a suspender o serviço? E', sim, senhores. E é, não porque a Companhia não ganhe dinheiro, muito dinheiro até; mas porque o ganha em moeda portuguesa, em papel nosso e os acionistas, que são na sua maioria estrangeiros, tem de o transformar em ouro do seu paiz e ficam assim, com um pequeno lucro...

Confessamos a nossa ignorancia n'ostas giga-jogas comerciais, ou como se lhes queira chamar, e confessamos tambem que foi em conversa que apanhámos esta razão da campanha que se vem fazendo para conquistar o publico a favor dos aumentos; mas a coisa parece-nos tão clara, mete-se tanto pelos olhos ainda dos mais ceigos em assuntos economicos e financeiros, que nem por um segundo duvidamos da explicação—tanto mais que não vemos outra.

Todas as companhias que se formam para explorar o proximo contam enriquecer muito e depressa; cinco por cento ao ano e alguns anos com o capital improdutivo, eis o que ninguém pode compreender que aconteça. Comerciar é ganhar, não é arriscar, na opinião dos senhores capitalistas—negocios são negocios, como se declara n'uma peça teatral celebre, representada actualmente não diremos onde, para não se julgar que lhe queremos fazer reclamo. E como negocios são negocios, o publico que gema, que se alimenta mal, que se empenhe, comtanto que os «direitos» do capital se mantenham...

Querem os senhores saber o que ha dias acontecen a um amigo nosso, que mandou comprar um garraão d'agua de Luso a uma mercearia? Abriu em casa o garraão, reconheceu que a agua tinha mau cheiro, estava turva e, por consequencia, estragada e devolveu-

á mercearia, pedindo a restituição do dinheiro que tinha dado por ele. Resposta do lojista:— Não recebemos o garraão. Não temos culpa da agua estar estragada...

O homem tinha estabelecimento «apenas» para ganhar—como se o ganho total, não fosse uma media de lucros e perdas—e o freguês, que desembolsava dinheiro com a condição de em troca lhe darem agua pura de Luso, era obrigado a receber uma mixórdia que não tinha pedido e que para nada lhe servia.

Pois é verdade: estamos em vespéras de pagar por uma carreira de electrico o que ha pouco pagavamos por uma de automovel, e cara alegre...

J. Neutral.

## Consta...

Muita coisa tem constaão ultimamente a respeito do sr. dr. Afonso Costa! Primeiramente, constou que não viria assistir ás homenagens ao Soldado Desconhecido; depois, que tinha vindo até á fronteira e voltado para Paris; depois, como cá veio, os «constas» continuaram...

...Que regressaria a Paris, resolvido a nunca mais intervir na politica portuguesa...

...Que tomaria, de novo, parte activa na dita politica...



...Que ia lá para negociar um empréstimo...

...Que só voltaria cá quando o elegessem Presidente da Republica...

Isto é o que os jornais disseram, mais ou menos. Agora, o que nos conta por portas travessas:

...Que o sr. dr. Afonso Costa se veio a Lisboa foi para ver o actor Alves da Cunha nos «Negocios são negocios»...

...Que veio para mostrar a casaca com que foi no cortejo...

...Que veio a pedi o do Urbano Rodrigues, que não fazia senão chorar por ele...

...Que veio para que o vissem ao lado do sr. patriarca, porque se convertem ao catolicismo...

E' possivel, afinal de contas, que não tenha vindo a Lisboa por nada d'isto, mas apenas porque, como pessoa livre e maior, que é, pode ir onde muito bem quiser e ninguém tem nada com isso. Ora aí está!

Agora é que estamos bem servidos da nossa vidinha, com as dificuldades que em França e n'outros paizes estrangeiros estão levantando á entrada dos nossos vinhos. Lembraram-se aqueles diabos lá de fóra de se embebedar



com as mixórdias que tem de portas dentro e aqui estamos nós obrigados a fazer o mesmo, isto é, a beber os nossos vinhos, se os quisermos consumir.

O resultado já se sabe que ha-de ser uma taxa permanente—mas não se assuste ninguém com a perspectiva. No estado de brracheira a que se chegou, mais pinga menos pinga não é coisa que prejudique o organismo.

...Lá vai á nossa saúde!

## Excepções

Logo profetiámos que esta coisa dos pianos havia de vir a fazer barulho, isto é, que a lei da contribuição sobre aqueles instrumentos havia de sofrer modificações.

Nosso dito, nosso feito: elas aí estão, isentando varios detentores da referida materia tributavel, como se diz-se em linguagem aduaneira.

Ora, entrando-se pelo caminho das alterações, já que os legisladores estão com a mão na massa, parece-nos que seria oportuna uma experiencia do imposto gradual e progressivo, de modo que pagasse o minimo da contribuição,



ou nenhuma, o Viana da Mota, o Rei Colaço e outros executantes celebres; d'af para baixo, a contribuição iria ascendendo, até o maximo—aquelas horribes meninas que nos deliciam em casa das sr.<sup>as</sup> Pires, com o ultimo «Maxixe»...

Temos uma vizinha que bem merecia que lhe ferrassem um conto de réis de imposto, e não era de mais!





## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zefinha do mé curasão.

Incentrei onte u noço empadre Arnesto Rudrigues que ia de ótomovel i mal u Amerante toudos puchados á custansia i vai ós pois u Arnesto dixe açim:—O' Jerolmo! tu aindas nan fostes ber u «J. P. C.» ó Sam Luiz?—O' raiol arrespondi eu. E' berdade que aindas nan futim porque tanho andado munto enostripado na unha du dodo maminho du pé drêto que istá incrabada.—Pois intão vai lá, empadre.—Iço é que eu bou. I vai d'ahim lá futim onte mêmô i custoume á ranjar vilhete porque avia grande inxente; u que valen é que fuim de vorla como bou sempre caudo nan apanhava alguns jaral pello presso d'algum litro de azêto que istá pella óra da morte i u siuhor cumçairo dus inbastimentos nan decha a jente trazer ninhum de fora pur cosa de cá vir fazer concurrensa ó outro que cá nan á. Vai ós pois lá acesti á dita u preta que é touda amarriana benza deus i a mim me nan desinpare que nunca vin nada açim cum mais grassa cu prensal é u Albes i mal trez princezes que é u princez das velias u du çabão i mal u du licho. Cempre ri mais que nin tu imaginas i tamen munto gustei de oivir cantar a Aldina i mal a O'zenda caquillo ispremece que inté faz afelissão a um óme oibr uma voz tam de dentro du pêto nan fallando na museca du Felpe que é touda du lado de lá du lquador, tupal como ó diabo i u que ta digo é que çou da inpenião du caxopo que fez nu «Séclo» a nutissia da prumera arrepresentasão du «J. P. C.» quer dizer cus ótores que çou u noço dito empadre Arnesto Rudrigues, u Juão Bastos i u Feles Brimudes devião mandar tiazur tudo aquilo pellos franceses i vardu a pessa a correr mundo que inté metia num xinele a «Viuva Alegres», u «Amor de Principe» i muntas oitras cozas ostriacas i alamões que ce tem arrepresentado in touda a parte. Agardesso munto ó empadre Arnesto a alimbransa que teve i cum isto nan te infado mais ca minha ó fazer desta é vou grassa a deus pra cempre amen jazus maria isdê i istimo ca tua tamen. isteija na mêmô i dá çoidades a touda a familia i mal ós caxopos i a quem por mim préguntar nan isquesendo nunca os noços baeros i mal a marrã deste tê marido inté ó dia de juizo se deus for cervido.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Rulvas.

## Tiveram de o gramar!

Por mais que o Joffre, o Diaz e o Dorrin fizessom, não tiveram outro remedio senão gramar o grau de dontores, com o ceremonial do estilo, cape-lo, borla, discurso em latim, etc.

## EM FOCO

## O general Diaz

Com que então é dos nossos descendente?  
E' da familia genial do Dias?  
D'aquelle que entre varias valentias  
Dobrou um certo cabo renitente?

Se procurarmos minuciosamente,  
Se formos aos papeis e ás gerarquias,  
Quem sabe até se por avós ou tias  
Não sou tambem ainda seu parente!

Devo ser, d'essas raças lusitanas  
Que, no dizer de historias bolorentas,  
Passaram inda além das Taprobanas.

Bem sei que são batalhas iucruentas,  
Mas ha trinta anos, todas as semanas  
Eu dobro aqui o Cabo das Tormentas...

BELMIRO



E o que lhes valen foi demorarem-se tão pouco tempo entre nós; se permanecem mais uns dias ninguém os livrava das outras honrarias com que costumamos agradecer as pessoas com quem simpatizamos, isto é, seriam cantados nas revistas do ano—«O fado do Joffre», está-se a ver que era d'um efeci-



tarrão—nomeados revolucionarios civis, feitos deputados por Freixo-de-Espada-a-Cinta, convidados para colaborar nos albus das meninas da Baixa, etc., etc.

Ao pobre Diaz até arrançaram um avô português!

## Atenção

Já temos dito mais d'uma vez que isto de explorar annuncios humoristicamente é chão que já deu vinha. Mas uma coisa é dizer e outra é fazer, pelo que chamamos a esclarecida atenção do leitor amigo para o seguinte annuncio, inserto ha dias nas folha diarias:

## BURRO

«Pequeno, pardo 4 anos, foi roubado no dia 13 ás Portas d'Algés, foi visto passar á passagem do nivel Calhariz».

Trata-se, como se vê, d'um rapto de menor, com a agravante de pertencar o raptado ao sexo fragil, isto é, ao sexo maselino.

«Cherchez la» burra.

## LOGARES SELECTOS

## Milagre

A Escritura Sagrada  
Lá diz que uma mulher má  
Não ha fera, não ha nada  
Peor no mundo; e não ha!

Uma lá da minha aldeia,  
Que era muito impertinente,  
Muito má e muito feia,  
Morre um dia de repente;  
Morreu, desgraçadamente  
Mais tarde do que devia,  
Mas em suma toda a gente  
Teve a maior alegria.

Passados anos (é boa!)  
Foi-lhe preciso ao coveiro  
Abrir a cova e achou-a  
Ainda de corpo inteiro,  
Ainda rosas na face,  
Ainda sinais de vida...  
Milagre! coisa sabida;  
Pois mais fresca que uma alfaca  
Ha tanto tempo enterrada,  
Devendo estar reduzida  
A pó, terra, cinza e nada...

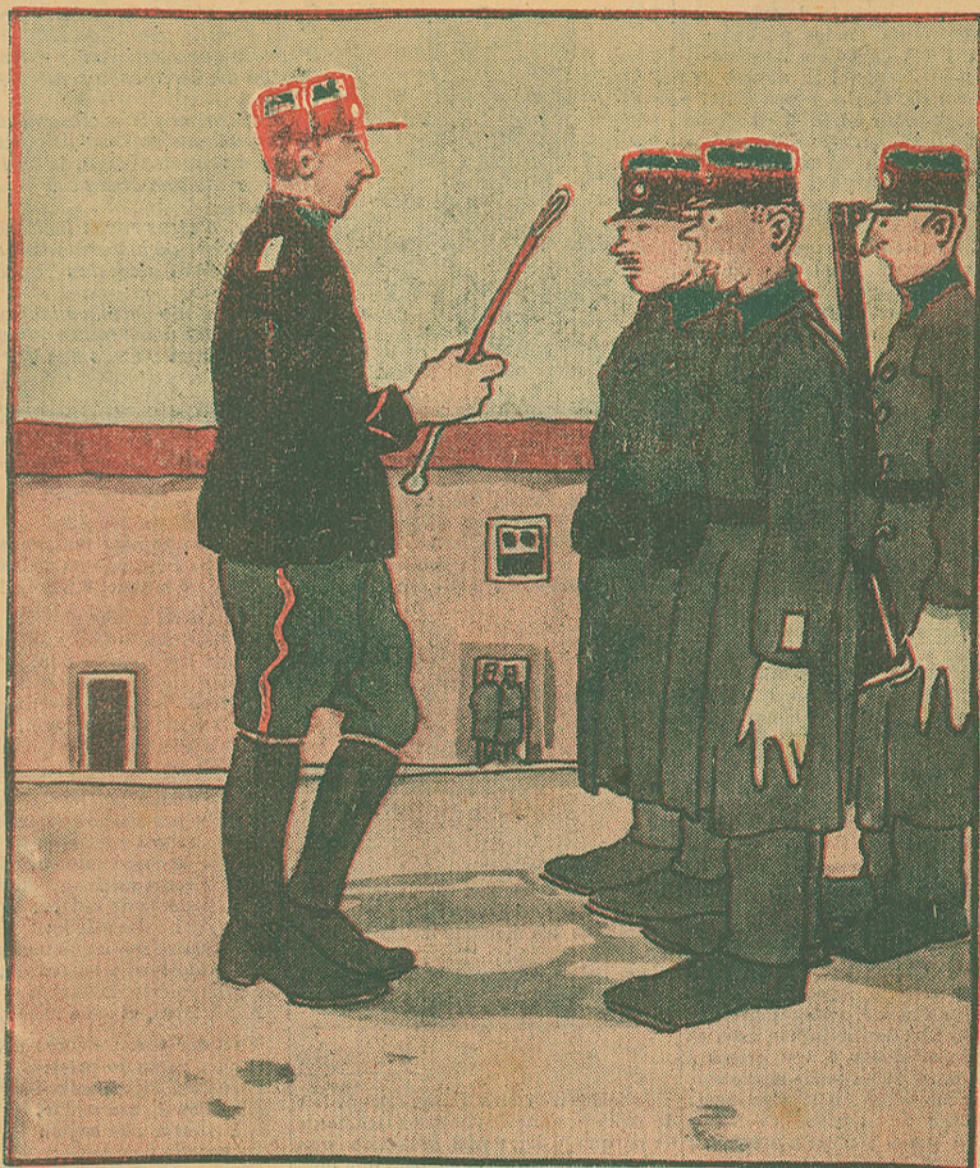
Vem dar parte; e corre a ve-la  
O povo atraz do prior;  
E passam logo a traze-la  
Em cima do seu andor,  
E a pó-la n'uma capela  
De grande veneração;  
(Eles ás costas com ela  
E ele cantar canto-chão);  
Mas seja lá como fór,  
O que é certo é mais que certo  
E' que santa como aquela  
E nem de mais devoção  
Não ha por ali tão perto!

E dizem que não ha sautos  
Como nos tempos passados!  
E' cá opinião minha  
Que muitos (quantos e quantos!)  
Que aí morrem desprezados  
Se não são canonizados  
E' que está cheia a Folhinha.

(De João de Deus).



# Um eco da ultima gréve



Na parada. O alferes:

- Preciso de quatro soldados destemidos, para um serviço arriscadissimo.
- E' para irmos para a guerra outra vez, meu alferes?
- Upal upal! E' para irem fazer serviço a uma padaria!